

A FORMAÇÃO DE UM GUERREIRO TUPINAMBÁ

The formation of a tupinambá warrior

Romulo Caccavo¹;
Raphael Martins²;
Sérgio Ferreira Tavares³

RESUMO: Os tupinambás sempre tiveram em seu sangue a característica de serem guerreiros e se deleitam no ato de guerrear, desde a chegada dos europeus em suas terras e dos primeiros conflitos estabelecidos por elas, com o passar dos anos e com seu deslocamento geográfico devido à colonização do Brasil, os tupinambás tiveram que se reestruturar como tribo e na sua formação cultural, porém não perderam a característica guerreira que lhes é tão peculiar, o presente artigo visa analisar como este traço da cultura tupinambá ficou preservado até hoje, desde a sua educação religiosa até a os motivos pelos quais lutam.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, tupinambá, cultura corporal, índios.

ABSTRACT: The Tupinambá people have always had in their blood the striking feature to be warriors and used to delight themselves in battles since the arrival of the Europeans in their lands and the first conflicts established since then. As the years went by and with their geographical displacement due to the colonization of Brazil, the Tupinambás had to restructure themselves as a tribe as well as their cultural formation, but they have not lost the warrior feature that is peculiar to them. This article aims to analyze how this striking feature of the Tupinambá culture has been preserved so far, from their religious education to the reasons why they used to fight.

KEY WORDS: culture, tupinambá, body culture, indians.

INTRODUÇÃO

De acordo com Fernandes (2006), Tupinambá foi a tribo dominante do litoral brasileiro durante muitos anos, porém devido ao processo de colonização do país eles foram deslocados para o extremo sul da Bahia. Hoje com grande maioria de sua população

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Castelo Branco (UCB-RJ). Integrante do Grupo de Pesquisa em Cultura Corporal Carioca da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ).

² Graduado em Educação Física pela Universidade Castelo Branco (UCB-RJ). Integrante do Grupo de Pesquisa em Cultura Corporal Carioca da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ).

³ Mestre em Ciência da Motricidade Humana (UCB-RJ). Orientador do Grupo de Pesquisa em Cultura Corporal (UCB-RJ).

residente nas tribos Tupinambás de Olivença, Tupinambás da Serra do Padeiro e Tupinambás de Belmonte. Onde foi realizada uma pesquisa *in loco* junto ao Grupo de Pesquisa de Cultura Corporal Carioca em janeiro de 2015 que através desta expedição confirmou este dado, tendo como intuito o de compreender a influência das tribos tupinambás na formação cultural do povo carioca, tribo essa que habitava o litoral do Rio de Janeiro quando aconteceram os primeiros contatos com os europeus que desembarcaram por aqui.

Assim como todo grupo étnico, os tupinambás também têm suas particularidades, rituais, costumes e tradições, ou seja, sua cultura, e segundo Geertz (1989), é por meio desse mecanismo chamado cultura que o homem adquiriu a capacidade de ser o construtor de sua própria história, desde a utilização de ferramentas, passando pelo convívio social, pela linguagem, chegando a outras formas mais complexas de significar o fazer humano. O autor demonstra com isto, como o convívio entre povos foi tecendo uma teia de significados que foram ganhando densidade ao longo da história da humanidade, significados estes que, por sua vez, estão em constante processo de ressignificação.

Se tratando de corpo e como esse corpo estrutural e social se movimenta, Daólio (1995) diz que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas neste contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da sua vida social.

Suess (2000) fala que a sociedade tupinambá é antes de tudo uma sociedade de guerreiros, e com isto contribui para a construção de um sentimento de reafirmação da cultura indígena, sendo motivação para sua luta.

Diante disto, o presente artigo visa analisar o desenvolvimento corporal/físico de um guerreiro tupinambá, levando em consideração todos os aspectos de sua formação tanto a formal (escola indígena) ou a adquirida na própria tribo.

Metodologia

O presente estudo foi realizado por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Cultura Corporal da Universidade Castelo Branco - RJ, grupo esse formado por estudantes e professores de Educação Física, que tem como objeto de estudo as matrizes formadoras da cultura corporal carioca e, a cada ano, elegemos uma matriz cultural como referência de

estudo, tais como: africana, européia, sertaneja, árabe, indígena, entre outras. Para o exercício acadêmico de 2015, a matriz de estudo eleita foi a matriz indígena. Sendo assim, realizamos um levantamento junto à Fundação Nacional dos Índios – FUNAI, que nos indicou as tribos tupinambás do Sul da Bahia como as tribos que estavam no Rio de Janeiro quando os europeus aqui chegaram, algo que iremos abordar com maior propriedade durante o artigo.

Elegemos como metodologia de pesquisa, a pesquisa-ação⁴, definida por Tripp (2005) como uma pesquisa que alia às referências bibliográficas com a pesquisa de campo, proporcionado assim uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

A presente pesquisa foi dividida e realizada em duas etapas, a primeira na parte de estudos bibliográficos, assim como diz Fonseca (2002), é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites.

A segunda etapa foi realizada em uma pesquisa de campo, que de acordo com Fonseca (2002) caracteriza-se pelas investigações na qual, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada pelo Grupo de Pesquisa em Cultura Corporal Carioca, no período de 10 de Janeiro de 2015 até 22 de Janeiro de 2015, estando presente em 3 tribos Tupinambás do extremo sul da Bahia, que foram: Tribo tupinambá de Olivença, tribo tupinambá da Serra do Padeiro e tribo Tupinambá de Belmonte. Para coleta de informações foram realizadas entrevistas com os caciques das tribos, junto com filmagens e diálogos com os índios presentes.

O Guerreiro Tupinambá

De acordo com Suess (2000), a sociedade tupinambá é antes de tudo uma sociedade de guerreiros. O guerreiro tupinambá é um vingador e o vingador é o homem culturalmente correto e completo. Ele acumula nomes, prestígio e mulheres. O guerreiro morto encontra o lugar das almas e a "Terra sem Mal" que se situava no imaginário tupinambá tanto num horizonte geográfico-espacial, quanto em outro escatológico-

⁴ Para maiores entendimento sobre a metodologia pesquisa-ação, indicamos o estudo de Tripp (2005), Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.

espiritual. O guerreiro é o "santo" tupinambá, já que a vingança do inimigo permite o acesso ao paraíso.

Os tupinambás foram os senhores do litoral brasileiro, eles reinavam quase que soberanos na costa do Brasil durante os primeiros anos do século XVI. Sua organização social, que possuía a guerra como força motriz, tinha no ato de capturar inimigos e consumi-los ritualmente a mola propulsora de sua sociedade, traço que tornou este povo alvo de inúmeros estereótipos que se perpetuam até os dias atuais.

Do mesmo modo foram transformados em bravos guerreiros, dotados de força e bravura invejáveis, como no personagem I-Juca Pirama criado pelo poeta romântico Gonçalves Dias, bem como em outros tantos poemas do romantismo, nos quais o Índio é representado através de características heroicas.

Couto (2003) relata que para um tupinambá, a guerra, que implicava na captura, morte e ingestão de um cativo, significava a perpetuação da memória do grupo, o sacrifício do prisioneiro sendo a condição primordial para a manutenção da vida social tupinambá. A vingança, como perceberam, de forma perspicaz, os cronistas e missionários, constituía a forma pela qual os Tupinambás asseguravam a continuidade do ciclo vital. Deste modo, vingar um parente morto representava o cumprimento deste ciclo e mobilizava a sociedade como um todo.

Ainda analisando o escrito de Couto (2003), o autor nos apresenta que o ideal guerreiro Tupinambá o qual no passado distante compunha-se da captura, morte e ingestão ritual de um prisioneiro pelo seu futuro matador, está, presentemente, intrinsecamente vinculado à figura do "caboclo Marcelino" (Herói desaparecido sem morte certa, na guerra conhecida como massacre do Cururupe). Há uma construção tipo-ideal de índio, cujos atributos são tomados de empréstimo da representação sobrevalorizada de Marcelino, à luz da qual ser índio requer, portanto, não somente ter feições de índio, mas estar comprometido com a luta pelo reconhecimento dos direitos decorrentes dessa condição étnica, espelhando-se na coragem, força e determinação do "Caboclo Marcelino", guerreiro incontestado para o povo Tupinambá de Olivença.

Entretanto, desde a sua suposta extinção, o ato de antropofagia não ocorre no meio dos tupinambás, porém as suas raízes guerreiras permanecem vivas até hoje, e tendo como principal causa de sua luta a reafirmação da cultura e a batalha pelo território que é onde se manifesta essa cultura.

A luta pela reafirmação da cultura

“Retomada da cultura”

Para Alarcon (2013), pode-se dizer que as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas, no interior das fronteiras da Terra Indígena Tupinambá, já delimitada, e que se encontravam em posse de não-índios. As retomadas são mais que “instrumentos de pressão”, destinados a fazer com que o Estado brasileiro concluísse o processo administrativo de demarcação da Terra Indígena. Essas formas de ação são parte de uma estratégia de resistência e luta pelo efetivo “retorno da terra”, categoria engendrada pelos Tupinambás, lastreada em suas concepções territoriais.

Costa (2013) diz que o processo histórico vivenciado pelos indígenas do nordeste, em especial os Tupinambás de Olivença, foi o alicerce para despertar no momento contemporâneo o desejo pela retomada do seu território originário. As marcas deixadas ao longo da história, em muitos momentos, serviram para oprimir a luta dos indígenas.

Ao partirem do pressuposto de que “a Terra é Nossa Mãe”, acreditasse que os Tupinambá revelam um dos sentidos das retomadas: voltar para a terra que permitiu gerar seus antepassados e a eles mesmos. Foi a noção de territorialidade, ligadas à subjetividade presente nos encantados da mata, nas ressignificações dos rituais cristãos, no ato de comer juntos e juntos produzir o sustento, que direcionaram a afetividade e o sentimento de pertença a um grupo. Assim, pensamos que os Tupinambá de Olivença resistiram (reelaborando e/ou negando) as imposições presentes em sua trajetória histórica, por meio de um sentimento de pertencimento capaz de atuar de maneira coletiva em elementos singulares da cultura e fazendo permanecer viva uma história que antecede o processo de colonização. (Costa, 2013, p. 65)

Ubinger (2012) relata que na visão dos índios Tupinambás, sua luta territorial está apoiada e configurada pela relação intensa e cotidiana com os encantados, espíritos “vivos” que habitam o território indígena e desempenham um papel central na sua sociocosmologia.

A ação político-religiosa de uma retomada tem sido instigada pelo “roubo” do território Tupinambá e pelo fortalecimento espiritual, incentivada pelos encantados que se manifestavam através de João de Nô e, agora, por meio dos múltiplos devotos. Consoante com Magalhães (2010, p. 129), “a luta pela terra é uma oração porque implica a recuperação de um território perdido pelos antepassados (...)”. E mais:

E por isso que os Tupinambá de Serra do Padeiro foi convocado pelos encantados para provocar uma luta, quando os encantados chegou nas aldeias e disse que o povo estava com o corpo vivo, mas a alma estava morta. A forma de matar qualquer um aqui, mata seus ideais. Fica

perambulando o corpo, perambulante sobre a terra, isso não é vida. Vida é quando você morre e sua carne vira adubo pra terra, mas sua alma fica espiritualizada e jamais será esquecida. Essa é a forma de ser imortal”.(UBINGER,2012 apud Declaração do Cacique Babau, Seminário “Lutas Indígenas na Bahia: Identidade, territórios, criminalização e direitos humanos,” Salvador-Bahia, 19/04/2011).

Ubinger (2012) ainda diz que é através da intervenção dos “guardiões da natureza”, e também das profecias pronunciadas por estes e os velhos Tupinambá, sonhos, presságios e uma memória dos antepassados e suas aflições, que os indígenas foram e continuam sendo motivados a recuperar o seu território. Essas razões também contribuíram para a conquista do reconhecimento étnico dos Tupinambás como um todo, pelo Estado brasileiro. A relação com o meio ambiente, seus espíritos dos mortos e as entidades que dominam e cuidam dos espaços, modifica a conduta das pessoas a tal ponto que se esforçam para “lutar” pela Terra Indígena e passar esta memória do passado e cultura para suas crianças com cuidado e carinho, na intenção que nunca mais seja esquecido e para manter sua cultura Tupinambá “viva”. Assim, constroem estratégias para guerrear, sem usarem armas de fogo.

Cacique Babau enfatiza a importância da luta pela retomada do território indígena:

Durante anos, foram tomando o que era nosso e matando os nossos, o povo se fortalece espiritualmente e faz o resgate, através se consegue resgatar toda a sua cultura através de resgatar o principal - onde sobreviver, onde viver, se você não tem onde enterrar seu corpo, você não tem o que lutar, então a retomada, para nós, Tupinambá é parte como se fosse uma grande oração, é a retomada total plena da cultura. (YOU TUBE. Cia Carioca de Cultura Corporal – Matriz Tupinambá. Part. II. Entrevista do Cacique Babau – Serra do Padeiro – Bahia – BR, Janeiro de 2015).

O Habitat Tupinambá

Seleção natural é o processo proposto por Charles Darwin e Alfred Wallace para explicar a adaptação e especialização dos seres vivos, a evolução, em concordância com as evidências disponíveis no registro fóssil. Outros mecanismos de evolução das espécies incluem a deriva genética, o fluxo gênico, as mutações e o isolamento geográfico. O conceito básico de seleção natural é que características favoráveis que são hereditárias tornam-se mais comuns em gerações sucessivas de uma população de organismos que se reproduzem, e que características desfavoráveis que são hereditárias tornam-se menos comuns.

O conhecimento que os Tupinambás possuem a respeito do espaço de sustentabilidade e relação direta com o ambiente está presente no cotidiano, e para

analisarmos a formação de um guerreiro tupinambá, devemos observar o seu habitat, o lugar onde ele vive, as condições propostas pela natureza que traz o desenvolvimento cultural, social e corporal do integrante dessa tribo. Os tupinambás vivem.

De acordo com Fernandes (2006), a formação geológica na qual o território Tupinambá está situado faz parte do Planalto Costeiro Baiano, que se estende desde o sul da Costa do Dendê até o extremo sul baiano. Quanto ao espaço demarcado podemos identificar três formações de relevo, sendo a maior parte pertencente ao Grupo Barreiras. O espaço central do Território encontra-se sob um embasamento cristalino do período Pré-Cambriano, enquanto a zona litorânea situa-se em um Terraço Marinho sob forte influência de ações erosivas.

Ainda para o mesmo autor, a área que envolve a demarcação é nutrida por um grande sistema fluvial formado por pequenos rios, córregos, remansos e nascentes que deságuam no Oceano Atlântico. Muito conhecida pelas potencialidades medicinais, devido à sua composição química que contém ferro, as águas de Olivença foram as grandes responsáveis pela especulação imobiliária da segunda metade do século passado. A presença dos rios na região e a sua utilização na produção agrícola, sempre foi alvo de disputa territorial, o que justifica a grande migração de povos nesse espaço e as constantes guerras pela disputa do território, mesmo antes da colonização.

Couto (2008) complementa que as praias que compõem o território Tupinambá são percebidas por estes como espaços de lazer, sustentabilidade e fonte de alimentação. Com irregularidades em sua topografia, a faixa litorânea que ocupa os Tupinambás é considerada pela oceanografia como uma praia intermediária de alta energia, devido à presença de barras atreladas a correntes de retorno, intensas e alta energia de ondas.

Grande cinturão de mata atlântica composta por espécies já consideradas raras em outras localidades mais afetadas pelo crescente desmatamento no Sul da Bahia. Numa excursão feita a parte mais alta a Serra do Padeiro, acompanhada por membros da comunidade tupinambá, foi possível identificar, espécies como jequitibá, o embiruçu, a massaranduba, o pau d'arco, o calumbi, o vinhático, entre outras. Em certos trechos da mata, a profusão de árvores e cipós era tamanha que a locomoção tornava-se difícil e a luz rarefeita devido ao imenso dossel formado pelas copas das árvores gigantes como o jequitibá. Além das árvores de grande porte, pode se observar também muitas espécies de orquídeas, bromélias, heliconias e samambaias que compunham uma paisagem magnificamente bonita e preservada. (Couto, 2008, p. 83)

Os tupinambás mantêm uma relação de respeito e preservação com os recursos naturais, relação esta que vem da tradição local que considera as florestas e as águas, a morada dos encantados. Na região é possível avistar, no entorno da serra, de acordo com

relato de informantes, animais como o macaco upará, a preguiça-de-coleira, o mico-leão, o sagui estrela e outras espécies de macaco, como o guigó e o caxixe, além de aves como sangue-de-boi, o sofrê, o sabiá, o mutum e alguns tipos de tucanos, a exemplo do araçari, e roedores como a capivara e a lontra. Também se encontram muitas espécies de cobra, às vezes venenosas, como a jararaca e a pico-de-jaca, muito temidas na região, inclusive as de médio e grande porte, como a jibóia, a salamanta e a sucuiuba - esta última muito temida, citada com enorme frequência nas histórias locais.

Formação religiosa e os encantados

Em pesquisa realizada in loco, colhemos o seguinte depoimento do cacique da tribo Tupinambá da Serra do Padeiro, Baubau: “A alma Tupinambá é o mar, é o rio, é a floresta, é a terra. A terra é amada dos encantados das florestas, o mar é a morada dos encantados das aldeias, das águas”.

Ubinger (2012) relata que o ser humano Tupinambá é rodeado pelos vários “domínios” no mundo dos espíritos. No centro deste universo espiritual vê-se um ser humano. Na primeira atmosfera à sua volta, reside o “anjo da guarda” no intuito de protegê-lo contra espíritos maléficos, tal como os “vagantes”. Igualmente, contra outras situações e seres que poderiam abalar o seu bem-estar.

Os Tupinambás encontram na religiosidade a base para sua organização político-social e para a afirmação da sua identidade. Dona Célia (mãe do cacique Babau da Serra do Padeiro), explica o que significa os encantados para um tupinambá:

[...] Se alguém quer uma coisa mais concreta, sem ter os mesmos pensamentos, Deus tá lá, escrito na bíblia - que Deus deixou dez mil anjos pra te proteger. Nós achamos na nossa língua aqui que é os encantados e que esses encantados protegem a mata [...].(YOU TUBE. Cia Carioca de Cultura Corporal – Matriz Tupinambá. Part. II. Entrevista do Cacique Babau – Serra do Padeiro – Bahia – BR, Janeiro de 2015).

O encantado apresenta-se como um ser angélico criado ou mandado pelo “grande espírito criador”, Tupã, como uma forma de comunicação, orientação, e proteção “divina” para os seres humanos. Ele pode manifestar-se através de certas pessoas, ordinariamente aquelas iniciadas – preparadas para isto. Quando os encantados se incorporam nos seres humanos, esses humanos também estão servindo como instrumento de comunicação para aqueles seres sobrenaturais “vivos” e “divinos”

A liderança tupinambá na Serra do Padeiro destaca uma ligação entre a identidade Tupinambá, a terra (inclusive seus elementos naturais) e, conseqüentemente, os encantados. O encantado é uma entidade definida pelos Tupinambás como divino e essencial na sua religiosidade, além de ser o “dono” e responsável pela demarcação da terra. Nessa perspectiva, podemos avaliar o território em questão como um espaço religioso

O cacique Babau esclarece que:

(...) Os Tupinambá não trabalha pra quem é vivo, não luta pra quem tá vivo, o qual pode ser enxergado pelos olhos e pode ser derrubado por uma simples pedra no caminho. (...) Nós luta em nome de Tupã, o qual deixou, pra nossa proteção sobre a terra, os encantados, e o Tupinambá, ele é simplesmente vinte por cento matéria, e o restante, espiritualidade. Nós acredita no reino dos encantados e nós sabemos que a ligação direta para a existência do ser Tupinambá é a garantia do território, do território livre, de tudo isso que vocês vê sobre essa terra.(...) Tupinambá vive ali há centenas de anos. Quando Cabral aqui chegou, Tupinambá já morava na terra, terra dos encantados, altar sagrado – nossa terra, e nós não arredamos um passo até agora. (...) Nós não abrimos mão da terra, falei pra eles: morrerei na prisão, mas nós não negociamos nosso direito pela terra, porque esse direito é de nossos antepassados, que morreram lutando e dos nossos netos e bisnetos, que virão no futuro. (YOU TUBE. Cia Carioca de Cultura Corporal – Matriz Tupinambá. Part. II. Entrevista do Cacique Babau – Serra do Padeiro – Bahia – BR, Janeiro de 2015).

O divino e o sagrado são termos com significados subjetivos, relativos ao poder do espírito criador. Existem certos âmbitos, elementos e entidades que são apreciados como particularmente “sagrados”, especiais por causa do amor e cuidado pelo quais foram criados, e, conseqüentemente, a alta consciência e “sabedoria” que estes consolidam.

Para Couto (2008) os encantados também merecem um status de “divino” ou “sagrado” e conservam um certo prestígio, devido á sua evolução espiritual. Isto fica mais evidente ao observamos que os Tupinambá confirmam que os seres humanos com um coração “puro” – “um coração muito bom e cheio de luz” – estão aqui para “cumprir uma sentença”, isto é, uma incumbência espiritual a ser completada. Esses são capazes de transformarem-se em encantados. O Caboclo Marcelino foi e é um exemplo deste tipo de pessoa: ele não morreu, mas transformou-se em um ser divino, da natureza. Isto aconteceu por causa do seu desempenho na “luta” e as características atribuídas à sua personalidade de pelear com “dignidade”, se sacrificando conscientemente para o bem-estar do seu povo.

Educação formal e a escola indígena

De acordo com Marcis (2008), a educação indígena, atualmente um direito das comunidades indígenas, foi ao longo do tempo e das políticas governamentais, um instrumento para a “civilização” e/ou integração dos índios na sociedade dominante. A escola era o local para aprender português, ler e escrever e aprender novos hábitos e práticas culturais identificados como nacionais, substituindo os costumes, língua e tradições étnicas

As alterações nesta visão tem ponto forte com a aprovação da Constituição Federal de 1988, que garantiu às populações indígenas a cidadania plena, reconhecendo nelas uma diferença identitária quando assevera:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988, Art. 231).

Assim, ao estudar e problematizar a realidade, as questões étnicas vieram à tona nas histórias de vida dos alfabetizados e dos alfabetizadores (SILVA, 2006). Compreende-se também que isto não representa um retorno às definições essencialistas e da cultura como a história, ao contrário, a cultura é transformada, reelaborada e até perdida em muitos de seus aspectos, porém, essas transformações são partes do processo histórico vivido pelos grupos étnicos sob diversos contextos.

Segundo Cunha (1979, p. 52-53), “os indivíduos, como os grupos sociais, são ou cessam de ser, conforme o lugar e o momento, membros de tal ou qual etnia”. Portanto, como evidenciado no caso apresentado, é legítimo o reaprendizado de práticas, costumes e outras linguagens que se constituirão em sinais demarcadores da diversidade cultural e étnica.

De acordo com Marcis (2008), Os grupos podem retomar práticas e valores de afirmação étnica devido à possibilidade de escolha e de reelaboração, uma vez que tais traços distintivos são arbitrários e plausíveis de serem manipulados. Por exemplo, a língua pode ser reaprendida, mesmo fragmentada, assim como a prática das pinturas corporais, as danças rituais entre outros. Os sinais da etnicidade atualizados podem, em determinados contextos, ficar latentes ou até esquecidos, podendo ser retomados pelo grupo nos momentos em que se impõe a necessidade de realçar as fronteiras étnicas, como manifestado pelo povo Tupinambá.

O lúdico e as brincadeiras

Todas as crianças tem um jeito diferente de lidar com seus brinquedos. As crianças indígenas brincam de acordo com cada realidade, o humor, a graça da brincadeira se dá por meio do coletivo. Observar as tarefas realizadas pelos pais traz a inspiração para a criança indígena torná-la uma atividade agradável.

Em uma aldeia que fica próxima a um rio, a alegria das crianças indígenas se dá na água, banhando e brincando de pega-pega, brincando de pescador, de seres da natureza, de tudo que vier a cabeça. Em aldeias em lavrados ou cerrados, as brincadeiras se dão por meio da caminhada de cavalos, de brincar de Vaqueiros, brincar de caçador, de ir campear o gado dos pais, brincar de quem tem a roça maior. Muitas outras brincadeiras vêm à cabeça, quando, por exemplo, as aldeias são em regiões de matas, uma das mais populares é de o melhor caçador, desde cedo as crianças se esforçam para ter o mérito de um bom manuseador de arco e flecha. As habilidades das crianças em correr, em pular, e cantar desperta outras formas do lúdico indígena. Uns mais habilidosos que os outros. O contato com a natureza traz um complexo de brincadeiras para as crianças indígenas, a admiração pelos astros é um exemplo disso, observar as estrelas, a lua e o sol faz com que as brincadeiras tenham mais ânimos.

[...] os adultos envolviam os imaturos em suas atividades ou estimulavam reprodução de situações análogas entre as crianças, promovendo dessa forma sua iniciação antecipada nas atividades, nos comportamentos e nos valores incorporados à herança-cultural. (FERNANDES, 1975, p. 68).

Para Grupioni (1994) existem outras formas de brincadeiras, como a construção de pequenos arcos e flechas compatíveis à sua estatura, confecção de cocares, bonecas feitas a partir do sabugo de milho e folhas de bananeira.

Brincadeiras de roda, contação e recontação de histórias transmitem conhecimentos específicos de sua realidade, contribuindo para preservação da memória coletiva e formação de uma consciência ecológica, pois o respeito à natureza e seus respectivos elementos se mostra transversal em praticamente toda a fala da entrevistada. Tendo a oralidade como principal instrumento de transmissão, estas atividades funcionavam, também, como mecanismo sociocultural, cuja as tradições, costumes e herança cultural eram passados para os mais novos por meio das interações cotidianas com os mais velhos de uma forma lúdica e divertida. (Grupioni, 1994 p. 42).

Para Profice (2014), o caráter autônomo das brincadeiras infantis se apresenta livre de qualquer intervenção adulta. Porém, algumas brincadeiras transparecem a forma tradicional de educar do povo Tupinambá, onde as atividades lúdicas direcionadas por

sujeitos mais velhos tem o papel de iniciar os novos agentes sociais em práticas manuais, que futuramente serão exercidas com significativa importância para sua vida adulta, e conseqüentemente, atuarão como alicerces no processo construtivo de significados e costumes culturais norteadores deste povo.

Não obstante, outros aspectos da funcionalidade da educação e das brincadeiras gravitam em torno desta análise. Por exemplo, quando o sujeito deste grupo se encontra em determinada idade e atinge certas posições dentro da “malha” social, ele passa a ter contato com saberes abstratos. Quando mais jovem, o mesmo sujeito educado empiricamente, reproduzindo em seu contexto infantil e sob o formato de algumas brincadeiras a realidade dos adultos, entrará em contato com os saberes filosóficos de sua cultura, compreenderá dentre outras questões abstratas, a cosmogonia de seu povo. Estes saberes intangíveis e de viés filosófico, assumem um importante papel na construção do ser em face a seu meio físico e social. (Profice, 2014 p, 259).

Conclusão

Assim como foi descrito no início do texto, a sociedade tupinambá é antes detudo uma sociedade de guerreiros, de fato, pois é uma tribo que luta intensamente para manter viva as suas raízes e a memória de seus antepassados. O povo que sofreu com o processo de colonização, perdeu grande parte de seu território, se readaptou a outro ambiente, ainda assim não se entregou e procura manter-se livre, liberdade para um tupinambá é não se submeter a nenhum fator externo que venha interferir no andamento natural da comunidade, e ser livre para um tupinambá é não ser escravo de algo que não é sua vontade.

Para a grande maioria das pessoas, é senso comum que os índios guerreiros foram extintos há muito tempo, mas ao contrário do que essas pessoas imaginam, eles estão vivos em um Brasil pouco noticiado e explorado, mantendo na luta pela liberdade dos tupinambás, seu espírito guerreiro, tendo como objetivo a reafirmação de sua cultura, por meio de suas brincadeiras, rituais religiosos, rituais culturais, a confirmação do que é seu por herança (suas terras), a educação formal indígena, que são os pilares da formação de um guerreiro tupinambá.

Podemos concluir assim, que uma das tribos indígenas mais tradicionais do litoral brasileiro, apesar de toda sorte de infortúnio e violência sofrida, mantêm preservado até os dias de hoje uma cultura corporal autêntica, onde os códigos simbólicos, apesar de ressignificados ao longo do tempo, mantêm vivos os hábitos singulares, como a valorização de um guerreiro, que traz no seu corpo referências de força, valentia, segurança, ou seja, um verdadeiro defensor da tribo.

Cada vez mais este Brasil real que contrasta com o Brasil ideal precisa ser estudado para que possamos preservar uma das nossas principais matrizes culturais, aquela que no nosso processo de formação enquanto sociedade nos deixou um conhecimento que, ao longo do tempo, vem sendo transferido de geração a geração e, que interesses econômicos, culturais, sociais entre outros, vem marginalizando e aniquilando a nossa própria identidade, não pretendemos esgotar o assunto neste artigo, compreendendo através dele a relevância deste estudo e sugerindo que outros possam ser desenvolvidos.

REFERENCIAS

ALARCON, Daniela Fernandes. **O retorno da terra: As retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia.** Brasília, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

COSTA, Erlon Fábio de Jesus. **Da corrida de tora ao poranci: a permanência histórica dos tupinambá de Olivença no sul da bahia.** Dissertação de mestrado. Brasília – D.F., 2013. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável Universidade de Brasília, Brasília.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. **Morada dos Encantados – Identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro – Buerarema, BA.** 2008. Dissertação apresentada ao PPGCS da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

_____, Patrícia Navarro de Almeida. **Os Filhos de Jaci: Ressurgimento étnico entre os Tupinambá de Olivença –Ilhéus – BA.** Salvador. 2003. Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com concentração em Antropologia.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível.** São Paulo: 97-108, in __ Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade. São Paulo, Brasiliense/EDUSP. 1979.

DAÓLIO, Jocimar. **Os significados do corpo na cultura e nas implicações para a Educação Física.** Revista Movimento. Ano 2, nº2 . Junho/95. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf?sequence=1> Acessado em: 19 de Julho de 2015.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá (1920-1995).** 3. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____, Florestan. **"Notas sobre a educação na sociedade tupinambá"**. In: FERNANDES, F. A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1975, pp. 33-83.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. Ministério da educação e do desporto. Edição 1994.

MAGALHÃES, Aline Moreira. **A luta pela terra como oração: sociogênese, trajetórias e narrativas do movimento Tupinambá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MARCIS, Teresinha. **Educação escolar indígena diferenciada: regulamentação e implantação no Estado da Bahia – 1999-2007**. Iv encontro estadual de história - anpuh-ba história: sujeitos, saberes e práticas. 29 de Julho a 1º de Agosto de 2008. Vitória da Conquista - BA.

PROFICE, Christiana Cabicieri. **As brincadeiras entre crianças tupinambá de Olivença: tradições passadas por gerações**.v. 16, n. 30 p. 259-274 | Florianópolis | jul-dez 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosis/article/view/1980-4512.2014n30p59>.

Acessado em 19 de Julho de 2015.

SILVA, Núbia Batista da. **Educação de Jovens e Adultos e a afirmação da identidade étnica do povo Tupinambá de Olivença – 1996 A 2004**. 2006. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) – UESC, Ilhéus, 2006.

SUESS, José de Anchieta – **Enigma e paradigma frente à alteridade tupinambá**. In: Atas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade, tomo III, Porto: Fundação Eng. António Almeida, 2000, p. 1119-1132.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acessado em 10 de Fevereiro de 2016.

UBINGER, Helen Catalina. **Os tupinambá da serra do padeiro: religiosidade e territorialidade na luta pela terra indígena**. Salvador, 2012. II Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. Universidade Federal de Sergipe, 2011.

YOU TUBE. **Cia Carioca de Cultura Corporal – Matriz Tupinambá. Part. II. Entrevista do Cacique Babau – Serra do Padeiro – Bahia – BR**. Acessado em: 02 de Maio de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIRg9awK7O4>